

ENTRE TEMPOS E CONTRATEMPOS: AS POSSIBILIDADES FORMATIVAS DO PIBID MÚSICA/UFPEL FRENTE AOS DESAFIOS DO CONTEXTO ATUAL

LETÍCIA AMARAL LOURO¹; CAROLINE CASTANHA DE AVILA DE LEMOS²;
JULIANA SCHWINGEL BROILO³; REGIANA BLANK WILLE⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – leticia.alouro@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – caroline.castanha.lemos@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – jubschwingel@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere no campo da educação musical na escola básica e formação de professores, através de práticas e reflexões construídas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) Música, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). As atividades foram realizadas em conjunto com o professor supervisor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Nabuco. Tal relato de experiência envolve um exercício reflexivo acerca das atividades realizadas em 2021 e acompanhadas pelo PIBID Música/UFPEL.

A promulgação das leis 11.769/08 e 13.278/16, que estabelece a música como conteúdo curricular obrigatório nas escolas, dentro do componente Arte, têm gerado diversas reflexões sobre as possibilidades e limitações de professores de música. Até porque, historicamente, a vida do professor de música é marcada pelo cenário de desafios sobre sua inclusão no currículo escolar brasileiro - sua legitimação social - acompanhados de diversas alterações normativas no decorrer do tempo (FIGUEIREDO, 2011). Torna-se imprescindível, diante desse cenário de metamorfoses no âmbito de legislações e políticas educacionais, analisar e compreender os processos sociopolíticos que constroem – e continuam a construir – tais transformações (PERONI et. al, 2019).

O principal referencial teórico vem da educação musical. A partir de Brito (2019), a Música é pensada como um jogo a ser vivenciado por toda a vida, o que requer regras e objetivos claros por parte do educador, a fim de permitir experiências sensório-motoras criativas. Também se percebe os desafios educacionais no que diz respeito à questão das tecnologias e inclusão digital (GOMEZ, 2015; BATISTA, FREITAS, 2018), uma vez que a necessidade de isolamento social por causa da pandemia da COVID-19 evidenciou ainda mais o contraste entre os níveis socioeconômicos dos estudantes participantes.

Ao refletir sobre a prática docente, percebe-se a complexidade de relacionar contextos sociais e horizontes teóricos, principalmente no que tange instigar a integração entre a consciência e prática musical em um contexto de atividades virtuais assíncronas. Além disso, as atividades são elaboradas em conjunto com outras áreas do conhecimento, como Artes Visuais, Espanhol e Educação Física, o que requer conhecimentos interdisciplinares.

Assim, objetiva-se compreender as atividades desenvolvidas pelo viés da formação de educadoras musicais, o que abrange uma análise do contexto atual e as possibilidades formativas tanto para as crianças atendidas, quanto para licenciandos em Música.

2. METODOLOGIA



As reflexões aqui presentes foram construídas em três momentos: levantamento bibliográfico, acompanhamento da elaboração de atividades e devolutivas, e discussão em reuniões semanais.

Por ser a ferramenta mais acessível, adotou-se o *Facebook* como principal meio de comunicação entre professores, estudantes e responsáveis. As atividades da disciplina Música são interligadas a outras disciplinas chamadas “especializadas”, ou seja, Artes Visuais, Dança, Educação Física e Espanhol. A descrição segue sempre no mesmo modelo de cartaz, com alterações na atividade proposta e imagens relacionadas, e às vezes um vídeo explicativo é enviado juntamente. O dia de envio das atividades “especializadas” é sempre segunda-feira, com conteúdo específico musical sendo abordado de forma quinzenal. O dia limite para entrega de devolutivas é, via de regra, quinta-feira.

Cabe destacar aqui que estas mesmas atividades são disponibilizadas em formato impresso, a serem retiradas pelos responsáveis dos alunos diretamente na escola, quando da dificuldade de acesso à internet por parte do estudante. As devolutivas das atividades impressas não serão tratadas neste artigo uma vez que não integram o trabalho realizado pelos pibidianos.

Como a realização de oficinas e observações presenciais não é possível, as *pibidianas* acompanham o processo de elaboração das propostas, via grupo de *Whatsapp* das professoras especializadas, e as devolutivas que são feitas pelos grupos de *Facebook*. Essa forma específica de acompanhamento é realizada desde abril de 2021, e pretende-se continuar enquanto as aulas presenciais não retornarem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do primeiro semestre letivo de 2021, foram desenvolvidas 18 atividades das disciplinas “especializadas”, sendo a Música abordada em 9 delas. Tais propostas foram enviadas através da rede social *Facebook* - plataforma utilizada pela escola para o ensino remoto -, em que cada turma possui um grupo específico com a participação de professores, alunos e responsáveis. As atividades incluem momentos de apreciação, execução e composição. Alguns dos conteúdos abordados foram os parâmetros do som - timbre, intensidade, duração e altura -, ritmo, melodia, frases musicais - ênfase na estrutura de pergunta e resposta -, paisagem sonora e notação alternativa.

Dentre essas atividades, damos destaque para “Segue a Música” e “Categorizando os Sons”. Em ambas atividades foi possível observar de maneira mais efetiva o desenvolvimento musical dos alunos. Na primeira, o objetivo era que os alunos desenvolvessem partituras musicais alternativas, com desenhos geométricos, para acompanhar uma música à sua escolha. Já a segunda atividade demandava a exploração de sons recorrentes na casa das crianças e, posteriormente, classificá-los conforme aspectos similares.

Cabe dizer que o processo formativo das crianças no contexto atual não é o ideal, e menos ainda favorável, para o desenvolvimento e acompanhamento do processo dos estudantes. Mesmo com o auxílio do professor através de vídeos e textos explicativos, muitos responsáveis tiveram dificuldade em auxiliar as crianças em atividades mais complexas, como a “Segue a Música”. Nesse caso, a ausência física de um indivíduo com conhecimento técnico-musical, a idade das crianças e suas poucas experiências musicais prévias, geraram insegurança quanto ao desenvolvimento da proposta.



Entretanto, pode-se afirmar que a participação ativa de familiares nas atividades contribui com a incorporação da música como hábito presente no cotidiano familiar. Com isso, mesmo familiares não-músicos têm a possibilidade de desenvolver atividades musicais, além das propostas pelo professor, através da escuta ativa e reflexão, influenciando o desenvolvimento de hábitos musicais desde a primeira infância (FUCCI-AMATO, 2008).

Ao mesmo tempo que concordamos que “fazer música nos territórios da Educação deve disparar mergulhos no sensível” (BRITO, 2019, p. 42), é necessário reconhecer os desafios de propor e avaliar o desenvolvimento das atividades, pois muito do retorno acontecia por fotos de anotações e das crianças executando as propostas. Os escassos retornos em forma de vídeo foram os recursos mais satisfatórios, e possibilitaram análises mais aprofundadas e concretas sobre a realidade do desenvolvimento individual dos alunos.

O uso das redes tornou-se palco de possibilidades para a interação e a aprendizagem, entretanto, como já alertava Batista e Freitas (2018, p. 126, apud CORREA, 2014, p. 26) “o novo não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério da recusa ao velho não é apenas cronológico”. Há desafios que devem ser observados, e os novos processos formativos que estão sendo construídos devem ser vistos de maneira crítica: seja para alunos, seja para professores.

4. CONCLUSÕES

Apesar dos desafios impostos pelas condições de interação (com atividades assíncronas, carência de respostas de vários alunos, falta de intimidade entre pibidianos e professores/alunos da escola), o acompanhamento das atividades realizadas propiciou diversas reflexões em torno da qualidade e resultados do fazer musical dos estudantes, dados os diferentes contextos em que estão inseridos. Foi possível, inclusive, visualizar aspectos teóricos discutidos em momentos anteriores, como a experiência musical sensibilizadora (BRITO, 2019); as problemáticas envolvidas na dissolução da música enquanto componente dentro da área Arte, considerando que “a legislação não dissipava a polivalência arraigada nas concepções curriculares e práticas de ensino” (OLIVEIRA; PENNA, 2019, p. 22).

Ademais, deve-se considerar o fazer musical no contexto atual: música é movimento, e cabe ao educador musical torná-la viva (BRITO, 2010), porém o “como” atingir tal objetivo está condicionado à materialidade que se apresenta agora, uma vez que a possibilidade de contato se limita ao ambiente virtual. Nesse sentido as atividades realizadas no PIBID Música/UFPel propiciaram ricos momentos de aprendizagem, tendo em vista as adaptações/transformações frente aos contratemplos vividos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁNGEL, P. G. A era digital: novos desafios educacionais. In: **Educação na era digital**: A escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 14-30.

BATISTA, Sandra Aparecida; FREITAS, Carlos Cesar G. G. O uso da tecnologia na educação: um debate a partir da alternativa da tecnologia social. **R. Tecnol.**



Soc. v. 14, n. 30,, jan./abr. 2018. p. 121-135. Disponível em:
<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/5784>

BRITO, Teca Alencar de. Um jogo chamado música: escuta, experiência, criação, educação. São Paulo: Peirópolis, 2019.

FIGUEIREDO, Sérgio. Educação Musical e Legislação Educacional. **Salto para o Futuro - TVEscola (MEC) - Educação Musical Escolar.** Rio de Janeiro, Ano XXI, Boletim 08, ISSN 1982-0283, jun. 2011. p. 10-16.

FUCCI-AMATO, Rita de Cássia. A família como ambiente de musicalização: a iniciação musical de 8 compositores e intérpretes sob uma ótica sóciocultural. In: **Anais do SIMCAM – Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais**, 4. São Paulo: USP/FFLCH – Departamento de Lingüística, 28 a 30 de maio de 2008. 407 - 414.

OLIVEIRA, O. A. de; PENNA, M. Impasses da política educacional para a música na escola - Dilemas entre a polivalência e a formação específica. **Revista Vortex**, Curitiba, v. 7, n. 2, 2019. p. 1-28.

PERONI, V. M. V.; CAETANO, M. R.; ARELARO, L. R. G. BNCC: Disputa pela qualidade ou submissão da educação? **RBPAE** - v. 35, n. 1, jan./abr. 2019. p. 35-56.

ROMANELLI, G. G. B. Falando sobre a arte na Base Nacional Comum Curricular - BNCC - um ponto de vista da educação musical. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 10, n. 3, set./dez. 2016. p. 476-490.